O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 205

1 DE SETEMBRO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

O assumpto dominante d'estes dias tem sido a manifestação de 24 de agosto á memoria do glorioso patriota Fernandes Thomaz.

Todos os jornaes de Lisboa se tem occupado largamente d'essa manifestação, que infelizmente se tornou de homenagem patriotica da nação a um dos seus grandes homens em questiuncula politica, difficilima de tratar hoje sem entrar em discussões partidarias de que nos temos sempre cuidadosamente afastado.

A idéa do cortejo civico em honra da memoria de Fernandes Thomaz partiu do grupo republicano.

Parecia-nos que os poderes publicos teriam feito bem, em não indagar d'onde a idéa vinha e tomal-a simplesmente em conta pelo seu valor; procedendo assim, teriam evitado conflictos deploraveis, e teriam cooperado n'um grande acto de justiça nacional.

Fernandes Thomaz não é uma gloria republicana, é uma gloria liberal e uma gloria portugueza, e o paiz monarchico, podia sem quebra da sua dignidade, sem perigo de transigencia, associar-se á homenagem á memoria d'esse seu filho illustre, e pondo de parte todas as discussões partidarias, esquecendo, uns que são monarchicos, outros que são republicanos, para só se lembrarem de que são todos portuguezes, irem respeitosos e convictos prestar ante o tumulo do illustre morto a homenagem nacional a que tem direito todo aquelle que gastou a sua vida no sagrado labor do justo, do bom, e do verdadeiro.

Não se fez assim e o resultado foi que a festa que devia ser uma festa do paiz, foi a festa d'um grupo politico, que o cemiterio dos Prazeres que devia ser theatro d'um imponente acto de justiça, foi apenas theatro de actos incriveis do vandalismo, de sacrilegios brutaes, e que em vez do hossana triumphal e unisono que o paiz inteiro devia entoar n'esse dia festivo, ouviram-se protestos indignados e vozes dissidentes.

O dia 24 de agosto foi tristemente commemorado: no cemiterio o povo desmandou-se quebrando cruzes, profanando aquelle logar santo de repouso e paz, cá fóra, na rua a policia parece que se desmandou tambem praticando violencias, aggredindo brutalmente e prendendo arbitrariamente cidadãos pacificos, e ordeiros, segundo consta das noticias publicadas nos jornaes.

Tudo isto é lamentavel sempre, e muito mais lamentavel é n'um dia destinado á commemoração d'uma data brilhante da nossa historia liberal.

As arbitrariedades e violencias de alguns policias vieram chamar de novo a attenção de toda a gente para o serviço policial de Lisboa.

É evidentissimo, prova-se todos os dias que esse serviço deixa muito a desejar.

A policia é pouca e mal disciplinada e apesar de toda a boa vontade dos commissarios que são intelligentes e zelosos o serviço policial continua sendo deploravel, vergo-

BELLAS ARTES

AS CALÇAS ROTAS, QUADRO DE SOUZA PINTO (Desenho de A. Ramalho)

nhoso, e ás vezes mesmo perigoso, porque não é raro a má intervenção da policia originar conflictos e desordens, quando a sua missão é totalmente a opposta.

Toda a gente reconhece, e não sabemos porque ,sendo reconhecido por todos ainda não foi emendado, que o principal defeito da policia de Lisboa, é estar dividida em dois corpos de organisação e indole inteiramente diversa, a policia civil e a guarda municipal.

Quando não havia guarda civil em Lisboa, comprehendia-se a existencia da guarda municipal: creado o corpo de policia civil a policia armada, arregimentada, militar, deixou de ter rasão de ser.

E não só deixou de ter rasão de existencia como passou a ser um motor de conflictos já entre as duas policias, a militar e a civil, já a originar parcialidades tumultuarias entre o povo, como muitas vezes os factos tem provado.

Ignoramos o motivo porque não se fundiram ainda esses dois corpos policiaes n'um só corpo de policias civis, bem organisados, bem disciplinados, bem remunerados, que tenham a consciencia dos seus deveres a garantia segura dos seus direitos de agentes da ordem.

Para uma cidade do tamanho de Lisboa a policia civil existente é insignificantissima; d'ahi as reclamações permanentes do publico, reclamações a que as auctoridades superiores da policia não podem fatalmente attender, porque não tem numero sufficiente de guardas ao seu dispor.

Augmentado consideravelmente o numero de policias, é necessario remuneral-os bem, para que não haja facilidade no suborno; não ha nada que saia mais caro a um paiz do que empregados baratos

A vida é cada vez mais cara e difficil, e um empregado mal remunerado vê-se a cada momento forçado a viver de expedientes mais ou menos dignos, mais ou menos honestos, a maior parte das vezes — menos.

Remunerando bem os empregados o estado além de os pôr ao abrigo de privações e de tentações, fica com o direito de os castigar quando elles faltarem aos seus deveres, sem ter a quebrar-lhe os braços as considerações senão de lei pelo menos de justiças, que hoje o prende.

E vem aqui a proposito, já que este assumpto sahiu ao nosso encontro, essa eterna questão dos empregados publicos.

Para muita gente, para quasi toda a gente em geral empregado publico é synonymo de mandrião, quando pelo contrario na realidade é mas é synonymo de fura-vidas

Um amanuense de secretaria tem o ordenado de 20$000 réis mensaes, dos quaes deduzidos o imposto de rendimento e o imposto de selo ficam 19:830, isto depois de terem passados os annos necessarios para o pagamento dos direitos de mercê.

Ora, digam-nos francamente como é que um homem, embora só, póde viver em Lisboa, pagar renda de casas, decima pessoal, e vestir-se com 660 réis por dia? E se esse pouco ordenado lhe é insufficiente para viver só, como lhe hade chegar para sustentar familia porque no fim de tudo hoje que a sciencia moderna combate o celibato clerical não se póde admittir como lei o celibato do amanuense?

O que resulta d'ahi?

Resulta fatalmente que o amanuense hade procurar outros modos de ganhar a vida, que o emprego publico, que devia ser a sua unica occupação é apenas um pequeno subsidio para as suas despezas, que envolvido em mil preoccupações do ganha pão quotidiano, furta ao trabalho do estado o mais que póde para ter algum tempo para os outros trabalhos que lhe garantem a vida, e se em frente da lei um ministro tem o direito de demittir o empregado que é menos zeloso no cumprimento dos seus deveres burocraticos, nenhum ministro em frente da justiça tem o direito de exigir que um homem que gastou a sua mocidade a estudar para chegar a essa famosa posição publica consagre seis horas do seu dia a copiar officios pela elevada quantia de 660 réis, isto é, um tostão e cinco por hora de trabalho!

Eu sei que está de ha muito feito e preparado o argumento contra isto.

Não se prende ninguem para amanuense, quem sollicita os logares, já deve saber quaes são as suas obrigações e qual a sua remuneração, e por isso não lhe convindo não o acceite.

E verdade, isso, mas o que é tambem verdade é que por essa theoria os logares de amanuenses seriam o refugio dos idiotas sem prestimo para coisa alguma, ou então logares exclusivos para millionarios que tivessem a phantasia caprichosa de passar a vida a copiar portarias e a registar officios.

E como não é provavel, que a vocação arrastasse para as secretarias os millionarios, os idiotas seriam os unicos empregados do estado, o que seria bella garantia para o serviço publico.

Augmentem os ordenados, paguem a cada qual o seu trabalho por um preço rasoavel, e exijam-lhe o cumprimento justo d'esse trabalho e com isso ganharão todos, empregados e serviço publico.

Pagando bem aos policias, trate-se ao mesmo tempo de os educar. Não se nasce policia como se nasce poeta. É uma especialidade de serviço que tem a sua aprendizagem como todas as coisas.

O policia deve ser primeiro de tudo delicado: deve ter a comprehensão perfeita da sua missão, e comprehender bem as ordens que recebe antes de as fazer executar.

Depois o policia deve ser pacientissimo; quando está em serviço deixa de ser um homem para ser simplesmente um agente da ordem publica. Os seus brios, a sua dignidade, a sua honra, são de caracter muito differente da honra, da dignidade e dos brios de qualquer paisano.

O policia nunca póde nem desaffrontar-se nem castigar por suas mãos.

O policia portuguez não comprcheu ainda isto, e d'ahi a balburdia e a desordem enorme que lavram em todo o serviço policial.

Hoje um policia portuguez prende por qualquer motivo um homem, esse homem dá-lhe uma bofetada, e o policia entende que os seus brios de homem lhe não permittem ficar com ella, e como está armado, e como em ultimo caso, tem os seus companheiros para o auxiliarem, desanca o preso que o offendeu.

Nada d'isto póde nem deve ser assim. O policia embora aggredido nunca deve aggredir, senão nos casos excepcionaes de legitima defesa de vida.

Todos nós que vivemos em Lisboa sabemos como se faz a policia: todos nós temos visto como policias civis e guardas municipaes tratam os presos que lhes resistem, e pelo que temos visto fazer-lhes na rua, na presença de todos, imaginamos facilmente o que lhes farão nas casas da guarda, sem testemunhas de fóra.

Ora isto é indigno; é selvagem, é tudo o que ha de menos policial. Em Madrid vimos nós um preso esbofetear e maltratar dois guardas civis, e nenhum d'elles o maltratou. Levaram-n'o para a casa da guarda, com o melhor modo, tratando simplesmente de inutilisar as suas aggressões.

Quer isto dizer que a policia de Madrid foi espancada, e que o aspancador esbofeteou impunemente dois guardas civis?

Nada d'isso, pelo contrario, quer dizer que a policia de Madrid é excellentemente disciplinada e tem a consciencia perfeita dos seus deveres e dos seus direitos. Aquelles dois guardas foram aggredidos, foram insultados e não pagaram insulto com insulto, aggressão com aggressão. É que elles sabem perfeitamente que não teem o direito de castigar, quem castiga são os tribunaes e a coisa ahi então fia muito mais fino que entre nós.

A desobediencia á policia, o insulto, e a aggressão, são crimes graves a que correspondem penas graves tambem.

E' assim que devia ser em Portugal. Os tribunaes que castiguem severamente todo aquelle que insultar um policia, mas que castiguem tambem severamente todo o policia que insultar um preso. Que a desobediencia á auctoridade seja um crime gravemente punido, e que as exorbitancias da auctoridade sejam igualmente severamente punidas.

E d'este modo, tendo um só corpo de policia, mas numeroso, bem pago, bem disciplinado, bem educado; castigando os tribunaes com seriedade todos os desmandos dos policias, e todas as faltas de respeito a esses policias, o serviço policial seria o que devia ser, e não haveria todos os dias esses tristes conflictos que por ahi se dão, que desperstigiam completamente a auctoridade, e que são indignos d'uma terra civilisada.

Ardeu ha noites, e n'um momento, o theatro do Rato. No seu genero de theatro barraca era o mais bonito de Lisboa

A rapidez com que o theatro ardeu deve chamar a attenção das auctoridades competentes para esse genero de theatros que são um perigo permanente para os espectadores.

Quando houve a grande catastrophe do *Ring Theater* de Vienna, as auctoridades portuguezas desenvolveram certa actividade, que parou, apenas o esquecimento principiou a pairar sobre o sinistro de Vienna.

E' bom, é necessario que se pense n'isso seriamente, e que não se esteja á espera dos trovões para resar a Santa Barbara.

Se o incendio do theatro do Rato se desse n'uma noite de espectaculo, com a sala cheia de espectadores, Deus sabe quantas victimas não haveria a juntar ás victimas do theatro de Vienna.

Não queremos prejudicar ninguem, comprehendemos que os theatros pequenos que por ahi ha são o pão de numerosas familias, mas é bom que os poderes publicos olhem seriamente para isto, tomem as medidas necessarias para que, sem prejudicar essas pobres familias, os theatros que são a vida d'ellas, não venham um dia a ser morte de muitas outras

Vale muito mais dizer «Bem fiz eu do que se eu soubesse.»

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

AS CALÇAS ROTAS

Quadro de Souza Pinto

E realmente curioso o assumpto escolhido pelo sr. Souza Pinto, — que actualmente está em Paris estudando pintura pensionado pelo estado, — para o quadro que expoz o anno passado no *Salon*, e que foi brindado pelo respectivo jury com uma bem merecida menção honrosa. Vê-se: o rapazola andou brincando pelos caminhos á volta da escóla aldeã, e chegou a casa com as calças rotas; mas a velha avó, que já não vê muito bem, e não gosta de remendar roupas de traquinas, applicou-lhe algum justo correctivo; de modo que o pequeno, ainda com a bolsa dos livros ás costas, encostou-se choroso á chaminé, aquecendo ao mesmo tempo ao lume as pernas nuas, — porque está frio, e aquelle guarda-chuva encostado a um canto diz que lá fóra ha inverneira.

Tanto quanto se póde vêr por um bom desenho, o quadro do sr. Souza Pinto é magnifico, feito com muita observação, e mostra a justiça com que o seu distincto auctor tem já um dos melhores nomes entre os modernos artistas portuguezes.

O MARECHAL DE CAMPO LUIZ DE SÁ OSORIO DE MELLO MENDONÇA E ALBUQUERQUE

Descende de uma illustre familia de Portugal, qual é a dos Osorios, o valente militar de que vamos falar, nas breves notas biographicas que podemos obter.

Luiz de Sá Osorio de Mello Mendonça e Albuquerque, nasceu em 1792 e era filho de Manuel de Sá Osorio de Mello Mendonça e Albuquerque, que foi administrador geral de varios districtos do reino e falleceu na cidade do Porto a 7 de janeiro de 1848.

Sentou praça de cadete a 6 de novembro de 1811, justamente n'uma epocha anormal para o paiz que se debatia contra a invasão franceza.

A situação da patria avassalada, tinha levado muitos dos seus filhos a alistarem-se nas phalanges que deviam expulsar do paiz o jugo extrangeiro.

Luiz Osorio foi um d'esses, e entrou logo nas campanhas da guerra da peninsula, onde combateu ainda dois annos, sendo ferido no ataque de Arapile, e assistindo ao de Tolosa, Bayona, ao assalto do forte de Salamanca e outros combates.

A guerra da peninsula seguiram-se epochas não menos calamitosas para Portugal, e em que as idéas liberaes luctavam com o absolutismo, sendo fortemente perseguidos os que professavam essas idéas.

Luiz Osorio teve que emigrar para a Galiza, d'ahi para Inglaterra, passando depois para a ilha Terceira a juntar-se ao exercito de D. Pedro IV.

Acompanhou o exercito libertador em todas as suas acções até sentar no throno a primeira rainha constitucional.

Depois de terminadas as campanhas e no posto de coronel, foi-lhe confiado o commando do regimento de infanteria 18, que exerceu do modo mais digno, aliando aos rigores da disciplina militar, toda a magnanimidade da mais bizarra fidalguia.

Em agosto de 1860 foi Luiz Osorio reformado em marechal de campo depois de quarenta e nove annos de serviço, a maior parte dos quaes passados no campo de batalha.

Este devotado defensor da patria falleceu a 25 de março de 1871, deixando um digno herdeiro em seu filho o sr. commendador Augusto de Sá Osorio de Mello Mendonça e Albuquerque, que é hoje presidente da camara do concelho de Celo-

rico da Beira, onde tem prestado reconhecidos serviços aos seus conterraneos.

As distincções que premiavam o nosso biographado eram: o grau de cavalleiro da ordem militar de S. Bento d'Aviz, a cruz n.º 2 da guerra da Peninsula, e a medalha algarismo n.º 9 das campanhas da Liberdade.

A ROCHA DO CONDE DE OBIDOS

Quadro de Alfredo Keil

A gravura que faz o assumpto d'este artigo é uma recordação de Lisboa antiga, e um dos melhores quadros com que Alfredo Keil se apresentou ao publico, em uma das exposições da Sociedade Promotora de Bellas Artes.

Recommenda este quadro um verdadeiro effeito de ceu peninsular illuminando com a sua luz quente as aguas do Tejo.

A Rocha do Conde de Obidos, assim denominada por estar proxima do palacio d'aquelle fidalgo, já não é a antiga estação de banhos onde uma grande parte da população de Lisboa ia banhar-se. O Aterro que se fez desde o Caes do Sodré até Alcantara, cortou as relações da Rocha do Conde de Obidos com o Tejo, e lá ficou internada e esquecida, no meio d'este turbilhão de transformações porque Lisboa tem passado nos ultimos annos.

APONTAMENTOS PARA A VIDA DO DIABO (1)

VI

— Vamos á cata d'elles.

— D'elles quem?

— Quem? Os diabos; pois quem havia de ser? Vamos procural-os por toda a parte onde possam esconder-se; já os descobrimos na sala do conselho de Jehovah e nas chinellas de Allah; veremos agora a ninhada que apparece debaixo da cama de Jupiter.

— Mas para que?

— Boa pergunta! Pois não viram os senhores que ha quem ponha em duvida a existencia dos taes maraos n'esta ou n'aquella religião?

— Deixar!...

— Excellente! Acham deveras que é bonito modo de vida o «não se me dá?» Eu não contesto que esse systema seja muito commodo e agradavel, porque lisongea a mandria, mas parece-me que tem os seus inconvenientes. Se o tomarmos como norma de procedimento, dá inevitavelmente os seguintes resultados: applicado aos negocios — a miseria; ás relações sociaes — a má-creação; á instrucção — a ignorancia, etc., etc., etc. Servelhes? E máo é a gente começar a habituar-se a isso, nas coisas que reputa de pequena importancia; pouco e pouco vão todas diminuindo, e o desleixo crescendo... Upa! Demos o braço ao sr. Barthélemy Saint-Hilaire, ex-ministro dos negocios extrangeiros da republica franceza, e vamos com elle por ahi fóra.

— Mas porque hade ser com elle?

— Com elle, ou qualquer outro que tambem goste d'estas viajatas, e que já conheça alguma coisa os caminhos; se me lembrei de s. ex.ª, é porque me fez impressão uma novidade que me deu respeito á classificação de religiões. E o caso é, que elle sustenta a sua! teima que sim, e que sim...

— Que sim, o que? Tudo se vae em perguntas e respostas, e ao cabo nada se adianta!

— *Devagar se tens pressa;* é um proverbio antigo, sobre o qual eu medito muitas vezes, e que acho sempre de uma profundissima verdade; até já me lembrei de emendar a cartilha do seguinte modo: contra a preguiça, pachorra. Pensem tambem n'isto os senhores; meditem a serio, e hão de me achar razão. Quando a gente faz as coisas de afogadilho, para se vêr livre d'ellas quanto antes, sahem sempre tortas, mal feitas. Ora aqui está como a diligencia, longe de ser uma qualidade, é defeito. Pelo contrario, a pachorra... não me alargo em considerações sobre essa preciosissima virtude, porque de duas uma; ou o leitor já me mandou para o diabo, atirando com o jornal pela sala adiante, e n'esse caso perdia o meu latim; ou então possue a sobredita virtude n'um gráo elevadissimo; o preciso, nem mais, nem menos, para receber em cheio a tal novidade. Já se não lembra qual é? Aquella de que falei ha pouco, respeito á classificação de religiões, e que me foi dada pelo sr. Barthélemy Saint-Hilaire.

Este illustre sabio restringe a oito, ou dez, quando muito, o numero das religiões dignas da consideração da historia, quer pelo distincto logar que outr'ora occuparam na scena do mundo, quer pela importancia que ainda hoje teem. Essas religiões são: para a Asia extrema o brahmanismo, o buddhismo e a religião de Confucio; para a Asia central o masdeismo e para a occidental o judaismo e mahometismo. Para a Africa a religião egypcia; para a antiguidade grega e romana o paganismo, e finalmente para a moderna Europa e o novo mundo o christianismo. Todas estas religiões costumavam ser divididas em dois grandes grupos; monotheistas e polytheistas: o sr. Saint-Hilaire julga essa classificação inadmissivel, porque não abrange um grupo que é importantissimo, o d'aquellas que não tem Deus. Ora aqui está a novidade; religiões sem Deus; poderá havel-as?

Tem a palavra para explicações o sr. Saint-Hilaire.

«A primeira vista parece isto contradictorio e insustentavel; uma religião sem Deus parece não ser uma religião. Devemo-nos comtudo curvar á evidencia, porque ha duas religiões, pelo menos, em que a idéa de Deus não se manifesta: são o buddhismo e a religião de Confucius. Ambas são quasi contemporaneas; uma nas margens do Ganges, a outra na China, seis seculos antes da nossa era: são ellas, de todas, as que tem maior numero de adeptos; abrangem quasi a metade da especie humana. Cumpre notar, que uma religião pode não reconhecer Deus, sem que por isso haja o direito de lhe chamar athea. O atheismo nega Deus; discute a existencia do ser infinito, e affirma, depois de reflecção e exame mais ou menos bem dirigido, que elle não existe. N'este sentido, nem Confucius nem Buddha são atheus propriamente ditos; ignoram Deus, não o negam. A differença é muito importante; e não deve infligir-se nem á Confucio, nem a Buddha, que podem contar-se entre os maiores instituidores do genero humano, não deve infligir-se-lhes a especie de estigma que ordinariamente acompanha o nome de atheu (1).»

Falou muitissimo bem o sr. Barthélemy, como sempre, mas a questão ficou intacta. O buddhismo não se pode chamar atheu, porque não nega Deus; perfeitamente; mas desconhece o; ora esse é que é o ponto: poderá haver uma religião sem Deus?

A questão, como se acha collocada, não póde ser decidida *á priori*, com simples argumentos methaphisicos. Imagine-se que um sugeito demonstra com as mais philosophicas razões, que é absolutamente impossivel a existencia dos macacos: no meio do discurso ouve-se um realejo e o orador chega á janella, para gosar a musica: mal acaba de abrir a vidraça, zás, salta lhe á cara um chimpanzé taludo!... Lá se vae pela agua abaixo, com mil diabos, a philosophia, o discurso e tudo.

Se começassemos tambem agora a deitar os bofes pela bocca fóra, gritando que tal coisa não podia ser, por isto, por aquillo, porque torna e porque deixa, podia muito bem succeder-nos o mesmo que ao homem do macaco.

A questão é de facto.

Antes d'aquellas palavras que nos disse o sr. Saint-Hilaire, quando a presidencia lhe deu a palavra, antes d'ellas havia s. ex.ª dito, a proposito da divisão das religiões em politheistas e monotheistas:

«Ha pouco tempo esta divisão parecia sufficiente e completa; actualmente não póde considerar-se como tal: depois de tantas descobertas e progressos feitos pela philologia na explicação dos livros religiosos de muitos povos, cumpre distinguir uma terceira classe de religiões, as que não tem Deus (2).»

Como se vê o illustre sabio funda-se nas descobertas da sciencia; e a auctoridade do seu nome, a sua reconhecida competencia, largamente demonstrada nos muitos trabalhos sobre philosophia e religião, com que tem enriquecido a litteratura contemporanea, obriga-nos a inclinarmonos respeitosamente diante das suas opiniões; por mais extranhas que se nos afigurem, não as devemos receber com um sorriso de desdem, como receberiamos as leviandades litterarias de qualquer rapazelho.

Mas, sem faltar á cortezia, seja-nos licito observar ao illustre ex-ministro dos negocios extrangeiros, que um moderno philologo, geralmente considerado como um dos mais distinctos, e que se ha dado especialmente ao estudo das religiões comparadas, e mais especialmente ainda ás religiões da India — o sr. Max Müller, emfim, referindo-se, n'um livro muito recente, á religião de Buddha, exprime-se do seguinte modo:

«O atheismo não é a ultima palavra da religião da India, embora o pareça ter sido n'um tempo, em algumas das phases do buddhismo. A palavra mesmo não é justa, applicada á India. Os antigos Hindus não conheciam nem o *Zeus* dos rapsodes, nem o *Theos* dos philosophos de Elea. O seu atheismo, se atheismo é, deve chamar-se o *adevismo*, a negação dos velhos Devas. Mas esta negação de uma crença antiga que já não póde aceitar-se, longe de ser a ruina de uma religião é a vida e o principio (1).»

D'estas palavras parece colher-se, que o supposto atheismo é apenas a transformação de um estado religioso n'outro mais perfeito, em que a idéa de Deus, longe de ser obliterada, entra, pelo contrario, na phase de uma concepção mais elevada. Isto que se deprehende do que fica transcripto, claramente se vê do que o mesmo auctor segue dizendo, e que não transcrevo por ser demasiado extenso. Accrescentarei sómente a observação feita pelo illustre philologo de que Buddha, porque negava os velhos deuses — os Devas, era effectivamente considerado atheu pelos brahmanes, como o foi tambem o atheniense Socrates, o qual, todavia, nem sequer negava os deuses da Grecia, mas reclamava sómente o direito de acreditar em alguma coisa mais sublime, e mais verdadeiramente divina, do que Hephaistos e Aphrodite. Pergunta ainda o erudito escriptor, que nome tinham os christãos, na Roma pagã e na Grecia, senão o de atheus.

— E afinal, em que ficamos?

— Com franqueza, o que me parece melhor é ficarmos com ambas as opiniões, para não desfeitiar nenhum dos sabios, que tão generosamente as pozeram á nossa disposição.

— Ah! opiniões de emprestimo...

— Tal qual. E quando succeda pedirem-nos voto sobre o assumpto, não temos mais do que tirar do bolso esquerdo uma d'ellas, e mostral-a aos circumstantes dizendo: aqui está a opinião do sr. Fulano; tirar depois do bolso direito a outra e: ora aqui teem a do sr. Sicrano...

— Mas a sua, a sua; essas já nós conhecemos ha muito:...

— Hão de desculpar, mas a minha ainda a não fiz, pela simples razão de a não saber fazer. Se me occupar d'isso, e conseguir arranjar uma, eu darei parte aos senhores.

Sim, meus bons e leaes amigos, cá fica entregue. Percebi perfeitamente a picuinha, mas nao irão sem resposta: quando procurei demonstrar o grande perigo de usar opiniões de emprestimo, é claro que me referia sómente á velhacaria, ou á toleima, de as querer impingir, como proprias, sendo alheias.

— Oh! oh!... então a gente hade ter por força uma opinião differente de todas as outras? Não é má tolice.

— Vejam a esperteza com que vocemecê penetrou a minha idéa! Ninguem póde chamar sua uma casaca, se não fôr de feitio e de fazenda differente de todas as casacas que existem por esse mundo. Não vale a pena repisar mais n'isto: reporto-me ao que já disse a outra vez, se não se lembra...

— Do que me lembro muito bem, é da grande pressa com que ia-mos procurar por toda a parte os diabos, e afinal ainda aqui estamos!

— Devagar se tens pressa: contra a preguiça, pachorra. Que diriam se eu lhes mostrasse a tal superstição dos diabos, onde menos se podia esperar, n'uma religião athea, ou suspeita d'isso? Parece-lhes impossivel, não é assim? Pois esperem um pouco e verão o que sae. Esperem para o artigo seguinte que havemos de conversar sobre o caso.

(Continúa) *Delphim d'Almeida.*

A ULTIMA EXPOSIÇÃO

Está feito

(Continuado do n.º 204)

Um jury gloriosamente obscuro, que n'esta exposição se deu ao capricho sentenciador d'apartar afortunados e réprobos, recusou a sua boa graça ao quadro *Concerto de amadores*, de Columbano Bordallo, — e, curiosa cousa, depois de assim solemnemente haver resolvido pol-o de banda, fez collocal-o principescamente no mais favorecido local da exposição! Pura demencia accumulada á myopia lastimavel que n'aquella obra d'arte não distinguiu o rude cunho do talento; mas, por-

(1) Por motivos superiores á nossa vontade interrompemos esta série de artigos em o numero 120 de que nos desculpe o leitor.

(1) Bartholemy-Saint-Hilaire — *A religião de Zoroastro*, journal des Savants, 1878, pag. 404 e 405.

(2) Ibid, pag. 404.

(1) Max Muller — *Origem e desenvolvimento da religião*. Trad. franc. pag. 273.

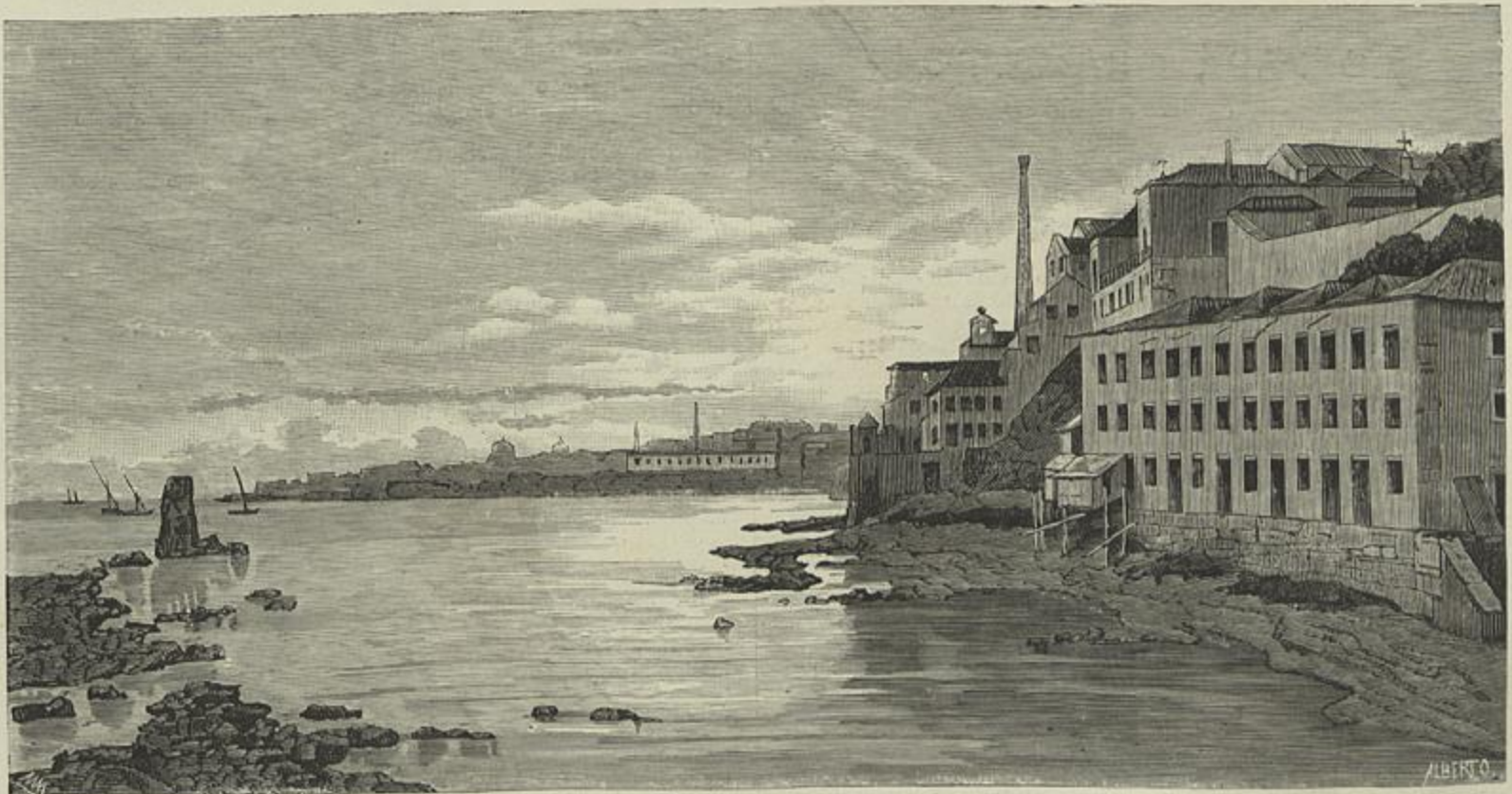
Vista geral do Jardim Zoologico de Lisboa, tirada do kiosque da musica (Desen'io do natural por Christino)

que não se discute um jury que bucolicamente vegeta á sombra da mediocridade cerrada, cuidemos simplesmente do quadro malvisto de Columbano, — o qual é positivamente uma grande pagina de observação espirituosa da vida moderna, olhada cruelmente pelo monoculo d'um humorismo visinho do sarcasmo. O assumpto palpita de interesse, com o seu bando de excentricos melomanos que ao canto d'um salão penumbroso garganteam pacatamente berros macabros, á trela de um diabolico piano furiosamente esmurrado por qualquer amador macilento e de revolta cabelleira agitada pela ventania da inspiração; uma só vela, posta sobre o negro monstro que urra, allumia parcamente a exotica scena nocturna, e desenhando por um lado e por outro irregulares effeitos de sombras, fere em cheio a figura rotunda do que provavelmente ronca de baixo, e cuja risonha expressão comica e vagamente fradesca foi apanhada com uma graça presta e communicativa. A illuminação é evidentemente escassa, e como deixa n'uma treva sinistra quasi todos aquelles demonios da fifia, põe ás soltas a phantasia um tanto lugubre do Columbano, que, brochando magistralmente alguns pedaços da tela e caracterisando finamente as physionomias dos executantes interessados, esquece-se, comtudo, de nos revelar onde se metteram as pernas de certo personagem, desengonça o corpo magro d'um outro, e vae cavillosamente aproveitando a ausencia da luz para pincelar bocados d'uma negrura terrivel, opaca, mysteriosa, lembrando frestas abertas para o infinito vácuo preto.

O marechal de campo, Luiz de Sá Osorio de Mello Mendonça e Albuquerque
(Segundo uma photographia)

O conjuncto d'este quadro, — onde a original individualidade do auctor emerge e destaca dos effeitos rebuscados, — é-me estranho, ao mesmo tempo attrahente e incomprehensivel, real e phantastico: tudo por culpa do harpagonico burguez que recebe, e que nem mesmo para fazer com os amigos uma orgia musical teve alma de comprar meia duzia de velas d'exiguo preço.

Com franqueza, o moço mestre pintor quiz e extravagantemente conseguiu dar ao seu quadro um vetusto aspecto — archeologico; mas prejudicou-lhe, quanto a mim, a sua qualidade eminente de verdadeiro documento d'uma epocha, — por que é uma flagrante scena da vida actual, — e, querendo deformal-o com um prematuro ar antigo, tornou-o absurdo e incaracteristico, na sua factura, como obra moderna. Tem paciencia, meu caro Columbano, mas não se antecede impunemente a fatal acção propria dos tempos, e das tintas, que espontaneamente tomam o cuidado de se ir obliterando, turbando e corrompendo!

Silva Porto expoz dois quadros d'animaes. O assumpto de um, — tres gordas vaccas ruminando n'uma arribana acanhada, — prende-me fracamente, embora seja vigorosa e certa a sua execução; mas o outro é uma pequena obra prima encantadora. Muito simples, demais: uma junta de bois que passa no primeiro plano d'uma chata paysagem d'arrabalde lisboeta, seguindo mansamente o velho boieiro de cara encarquilhada e queimada. Os fulvos animaes corpulentos, d'uma brilhante côr ao sol, são primorosamente pintados, e desenhados com uma admiravel nitidez de detalhes, em que o pincel do sympathico mestre pousou habilmente sobrio e preciso; emquanto que, por seu lado, o sujo e rôto homemzinho póde bem dizer-se — um typo. Eis um pedaço de resistente e sã pintura.

e de Obidos, quadro de A. Keil (Desenho do mesmo auctor)

Numerosa e exuberante exposição, a do sr. Marques d'Oliveira. O robusto artista portuense, — digo, portuguez, — veiu mostrar como pinta com a mesma facilidade pujante estudos de figura e de paysagem; e é agradavel consignar que as suas provas apresentadas fazem-n'o vencedor logo ao primeiro exame. Nenhum dos seus variados quadrinhos, retratos, costumes, interiores, paysagens, marinhas, é banal na sua factura, e em todos tambem é patente o esforçado escrupulo de observação e d'estylo, que sempre deve preoccupar, dominar absolutamente, um artista de talento; e como a sua maneira é toda moderna, valente e franca no toque feliz que não hesita, esfregado sinceramente por uma decidida mão, — que, se não faz tremer o marmore como a dos grandes estatuarios, armada do martello, ao menos está de mancebia com a copiosa paleta libertina, — não temos felizmente que ver nos trabalhos de Marques d'Oliveira senão puras obras de arte, de menor ou maior folego. O desenho, com as suas multiplas e fundamentaes exigencias de correcção, acata-o elle, convicto, porque o conhece profundamente e é-lhe familiar; e procura surprehender na natureza a verdade essencial e soberana tão friamente, geitoso, demorado e paciente, que, talvez d'isso, passa ás vezes uma certa frieza para a sua bella pintura serena e exacta. Por mim, como não gosto dos turbulentos possessos, nem dos que bréjeiramente pretendem mascarar a sua incapacidade ou inexperiencia com apparatos frivolos, grotescos ou desoladores, vou applaudindo alegremente este artista moderado na sua força; e acho mesmo que, se elle fosse perigosamente estabalhoado, não poderia nem saberia fazer estudos de figura magnificos, como os que agora nos trouxe, e nos quaes ha uns miudos effeitos de luz rigorosamente observados e executados que, mais do que a justeza da côr, os tornam admiraveis.

(Continúa) *Monteiro Ramalho.*

Vista geral do Jardim Zoologico de Lisboa

(TIRADA DO KIOSQUE DA MUSICA)

Quem não tem posses, n'esta quadra calmosa, para ausentar-se da abrazadora Lisboa, e ir descançar um pouco *sub tegmine fagi*, refrescando o espirito na contemplação de um purissimo azul por entre a ramaria do arvoredo nos *châlets* de Cintra ou na varzea de Collares, na quinta de Bellas ou no jardim do Real Palacio de Queluz (a Versailles portugueza), nos ermos da Arrabida, na matta do Bussaco, ou junto ao Bom Jesus de Braga, — incontra agora no principesco Parque de S. Sebastião da Pedreira (onde temporariamente se acha installado o *Jardim Zoologico e de acclimação em Portugal*), incontra agora (repito) em condições excepcionaes do mais grato enlevo occasião para repetir com sobejo motivo aquelles inolvidaveis, maviosissimos versos de Garrett:

«. . . . . .amena estancia,
«Throno da vicejante primavera,
«Quem te não ama? Quem se em teu regaço
«Uma hora da vida lhe ha corrido,
«Essa hora esquecerá?»

D'aquelle airoso kiosque, (já representado em gravura a pag. 133 do presente volume do OCCIDENTE), d'aquelle kiosque elegante onde bandas marciaes nos fazem todos os domingos e todas as quintas-feiras ouvir um repertorio musical sempre variadissimo, desfructa, quem lhe subir a escadaria de marmore, um panorama surprehendente.

Sobranceiro ao lago central e dominando uma área extensissima em todo o sentido norte-sul té ao portal d'intrada, o kiosque da musica é realmente o verdadeiro ponto de eleição para quem do jardim queira *à vol d'oiseau* apreciar o delicioso conjuncto.

Foi de lá que o lapis do desenhista colheu todas aquellas incantadoras minucias representadas na grande gravura, com que o OCCIDENTE hoje illustra suas paginas.

Que belleza a d'aquelle vastissimo lago!

O leitor conhece a Quinta de Santa-Cruz, em Coimbra? Ha n'essa quinta, circumdado por uma grande muralha de cedros seculares, um lago cujas dimensões e picturesco aspecto deram azo a que o francez André Lefèvre em seu livro *Parques e Jardins* lhe consagrasse especial menção.

Pois tirem-lhe d'em-torno a muralha dos cedros (se é que o actual proprietario da quinta não praticou já esse acto de moderno utilitarismo destinando a couves e a tomateiros o terreno occupado por arvores improductivas!), — tirem-lhe os cedros e digam-me depois se o lago do Parque de S. Sebastião da Pedreira não é mil vezes superior ao de Santa-Cruz.

Um verdadeiro mar na extensão! um verdadeiro espelho na tranquillidade das aguas!

Uma verdadeira reproducção d'aquelles versos de Anacreonte assim nacionalizados por Castilho:

«Olha o mar! que espelho!
«Como nadam, mansos,
«Mergulhando, os gansos,
«Pelos seus crystaes!»

Nas margens do lago grupam-se, variadissimas na fórma e no *facies*, as mais interessantes especies do reino vegetal, — entre ellas alguns exemplares do *gynereum argenteum*, cujas plumas sedosas, côr-de-rola, fazem lembrar o macio do mais fino arminho.

Ao sul do lago ha um recincto, a que a Direcção do Jardim Zoologico intendeu dever chamar: — *o deserto*.

É alli que se acha construida sob a intelligente direcção do Barão de Kessler, e com todos os requisitos de côr local, uma tenda arabe, ingenhosamente destinada para a definitiva installação dos camêlos, — d'aquelle casal de camêlos a que já no OCCIDENTE houve occasião de alludir, quando este periodico fez representar em gravura (a pag. 161 do presente volume) o *recincto dos ruminantes grandes*.

N'esse recincto morava provisoriamente o casal dos camêlos, emquanto se lhe não preparavam adequadamente os aposentos da tenda arabe, symbolicamente ornamentados com as meias-luas do islam. Faltava em tempos tambem vedar por meio de sebes um magnifico exemplar de *wellingtonia gigantea*, que demora perto da tenda supra-mencionada. Feito isto, os dois camêlos (macho e femea) irão em breve alli albergar-se e tornar conceituosamente significativa a designação dada áquelle sitio. Té as duas esbeltas palmeiras, que a gravura nos mostra, contribuem poderosamente para imprimir n'aquella zona um caracter de orientalismo arabico.

Repare bem o leitor para a estampa. Lá vai o camêlo-macho, conduzido á redea pelo negro da Australia, e montado por duas creancitas. O nosso desenhista, para tornar mais frizantemente accentuado o caso, toucou de seu moto proprio as duas creanças com turbantes orientaes.

De turbante nos vai o negro australiano apparecer tambem, qualquer dia d'estes (assim o determinou a Direcção do Jardim Zoologico), — de turbante riquissimo, e riquissimo vestuario turco, talhado em harmonia com os mais opulentos figurinos do paiz das *Mil e uma noites*.

Ficaremos tendo nem mais, nem menos, do que uma segunda edição (talvez correcta e augmentada) d'aquelle famigerado negro Ali, que o genio scintillante do romancista Alexandre Dumas escolheu para escravo fiel do Conde de Monte-Christo.

Criticos haverá meticulosos que extranharão talvez incontrar ataviado com vestes turcas um preto da Australia.

Mas... pergunto eu: — Quereriam que a Direcção do Jardim o puzesse alli passeando... á vista de todos... com o seu trajo nacional na mais rigorosa expressão da verdade? Ah! é que não attendem a que o trajo australiano em sua genuina pureza... é perfeitamente paradisiaco!

Zola na desbragada nudez do seu realismo não duvidaria apresentál-o tal qual... nos sertões da Nova-Hollanda!

Mas entre nós, — onde essa *carraspana litteraria* que por ahi nos appareceu com pretenções a entidade reformadora sob o infatuado titulo de *escola realista* (*«carraspana litteraria»* é o nome que espirituosamente lhe dá um dos nossos mais

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 204)

VI

A questão magna

— A instrucção é a questão magna, disse o José Estevão o outro dia nas côrtes, n'um discurso extenso que eu tenho alli no Diario das sessões. Todos os paes deixam de merecer absolutamente esse titulo a que tamanhas obrigações se alliam, desde que descurem da instrucção de seus filhos: são padrastos na accepção desamoravel que o vulgo dá a essa phrase. Ora queria elle dizer na sua, não sei se me entendes, que os paes devem mandar os filhos á escola.

— Para aprenderem os maus costumes com os outros, e nos perderem o amor. Preferia-os bem ignorantes. Meu avô não careceu de sabedoria para enriquecer, e deixou a seus filhos uma fortuna que elles desbarataram apesar de serem sabios, e que só meu pae soube conservar a despeito da sua ignorancia. Ora Deus nos dê fortuna que sabedoria pouco nos é precisa.

— Não digas isso, que até te fica mal. A instrucção é a questão magna, toda a gente o repete e está convencida d'isto. Pois tu não tens vergonha de ver teus filhos uns brutinhos, e os do mano conselheiro da mesma edade já no francez e no latim? Olha que o Josésinho não é mais esperto que o nosso Bébé e já lê por cima como um papagaio.

— Pois espera-lhe pela pancada.

— Isso é que é pancada, e forte pancada na molla. O outro dia até fiquei envergonhado com a Mica e mais o Nhónhó. Só aquella galanteria de sentar-se ao piano. Parecia-me uma senhora.

— Ai que sorida está a pequena! E tu achaste-lhe graça?

— Não, a nossa Ritinha a metter-se aos cantos, e o Bébé aos pulos como um labrego, no meio da sala é que são muito divertidos. Palavra que tenho desconsolação em ver todas as crianças prendadas, dançando já como pessoas crescidas, tocando piano, dizendo versos, cantando modinhas, e os nossos feitos uns monos sem prestimo para nada.

D. Perpetua escandalisada, ferida no seu amor proprio, respondeu-lhe com agastamento:

— Tambem não ha pecha que não ponhas nas crianças. Tu na edade d'ellas havias de ter muita graça. Ora o semsaborão: é bem certo que ninguem olha para si.

Depois formalisada acrescentou:

— Pois faz o que quizeres, com tanto que meus filhos não saem de casa, nem os quero longe da minha vista: collegios nem por sombras. Tu bem sabes no estado em que estão teus sobrinhos, uns paeralvilhos, cheirando ainda a coeiros e olhando já para a sombra, de cigarro no canto da bocca, e mettidos sempre nos botequins, uma perdição, uma coisa como nunca se viu.

— Lá isso tens razão, applaudiu o marido, de collegios tambem não gosto; mas a gente, Deus louvado, póde bem educal-os em casa, arranjam-se-lhes mestres que venham aqui dar-lhes as lições.

— Mas vê lá, Gilberto, olha que isso é um dinheirão.

— É, mas por isso nós não havemos de ficar atraz de ninguem. Queres que digam para ahi que eu sou algum estupido, que desconheço que a instrucção é a questão magna? Ora essa! O dinheiro não se fez para outra coisa senão para se gastar, o caso está em applicar-se bem.

— E tirar-se algum proveito, observou D. Perpetua. Cá estou eu que ainda que quizesse não encarrilharia nunca com a regra do *a b c*. Isto vae tambem da propensão de cada um.

— Que queres dizer com isso? Que mande ensinar um officio aos rapazes? Lá por tu seres bronca de nascença, segue-se que elles hão de sahir á mãe?

D. Perpetua ficou de bocca aberta sem perceber logo o sentido d'aquellas palavras. Mas reflectindo um pouco achou-o sem grande esforço, e o que mais é, sem grande surpresa.

— Uma mulher, disse ella, em sabendo do arranjo de sua casa é quanto lhe basta; agora um homem é differente, e ainda que teus filhos saiam ao pae, não esperes que vão muito longe, porque tu Deus louvado nem sabes dar alma ao que lês.

— Ora obrigado, basta que cheguem ao que eu cheguei. Achas pouco: Chefe de repartição, commendador de Christo, proprietario!... E afinal eu cá me tenho arranjado com a minha cartilha do padre Ignacio e a minha grammatica de Lobato, e as quatro operações d'arithemetica de Bezouth que outra coisa não me ensinaram mais.

Dizendo isto, Gilberto sentia-se grande. Tinha muito orgulho em se con-

apreciados poetas), — entre nós as noções do decoro não se acham ainda por tal fórma esquecidas, que seja licito praticar inconveniencias sob o frivolo pretexto de um naturalismo impertinente.

Por detraz das araucarias que o leitor incontra representadas a meio da nossa estampa, vê-se a elegante gaiola — elegante e gigantesca a um tempo — onde se acham reclusas as aguias e os abutres. Por detraz d'esta gaiola é o cerrado dos kangurus.

Nos cerrados fronteiros (á direita de quem entra) pavões e grous coroados expandem á luz do sol a irisada phosphorescencia das suas caudas e dos seus pennachos. Depois, entre elles e o lago, segue-se o aposento dos agutis (ou lebres doiradas do Paraguay), — e o recinto da ema *(rhea americana)*, pernalta chamada tambem «avestruz da America», pernalta que esteve pacientemente esperando até hoje o seu definitivo albergue, e que até hoje (conforme o leitor póde observar na já citada gravura a pag. 161 do nosso periodico) se prestou da melhor vontade a viver no *recincto dos ruminantes grandes*, a par do camêlo e da girafa, sem medo mesmo de que o visitante menos illustrado attribuisse por isso fóros de mammifero ruminante a uma ave pernalta.

Ao fundo da grande estampa que hoje apresentâmos, vê-se a fachada septentrional do magnifico palacio em que residem os donos do Parque de S. Sebastião da Pedreira. Entre a porta do parque e o jardinsinho do palacio corre a estrada da circumvallação.

A generosa bizarria com que os moradores d'aquelle palacio condescenderam em offerecer por imprestimo a sua luxuosa propriedade (veja-se o que ficou dito n'este mesmo volume do Occidente a pag. 134) deveu Lisboa ter, mais cedo do que se esperava, aberto á visita do publico o *Jardim zoologico e de acclimação em Portugal*.

Xavier da Cunha.

RESENHA NOTICIOSA

Novo vulcão. O capitão Healy, do cutter dos Estados Unidos *Corwin* em um relatorio datado de Unalaska a 28 de maio ultimo, dá conta da excursão feita pelos officiaes d'aquelle navio, afim de examinarem um vulcão que havia surgido recentemente no mar de Behring, na extremidade norte da ilha de Bogosloff, por 53°,55',18" latitude norte e 168°,21' longitude oeste. Este vulcão que se conserva em estado constante de violenta actividade, é uma montanha de cerca de 140 metros de altura, apresentando a forma de um cone irregular. Por todo o seu circuito se encontram fendas d'onde se evolvem vapores, com mais ou menos regularidade; não se podendo observar o interior da cratera, por causa das nuvens de fumo e de vapor. O que é curioso é a ausencia completa, ao menos na apparencia, de lavas e cinzas.

Mackart. Este celebre pintor de Vienna d'Austria, cujos quadros tem sido admirados em as ultimas exposições, que ainda ha poucos annos dirigiu e delineou o cortejo e cavalgata historicos, na celebração das bodas de prata do imperador d'Austria, e que se achava em toda a força, pujança e desenvolvimento da sua notavel individualidade artistica, segundo noticias recentes enlouqueceu de repente. Lamentamos tão funestos acontecimentos e fazemos votos para que a sciencia consiga rehabilital-o no uso pleno das suas faculdades.

O pintor Nittis. As artes teem soffrido em pouco tempo golpes profundos. Depois da loucura de Mackart, a morte acaba de ceifar, em Paris, a vida ao pintor napolitano Nittis. Mal teve tempo de gosar da sua gloria! Havia exposto doze quadros na ultima exposição d'aquella cidade, que lhe valeram uma medalha de primeira classe e a cruz de Legião d'Honra. Pobre artista!

Salgados do Algarve. É rara a iniciativa no nosso paiz, mas o que não é raro, é que quando ella apparece não venha ou indifferença publica deixal-a entisicar, ou a má vontade de quem a não tem, torturar o desgraçado que se lembra de ter uma idéa util n'este paiz. Por decreto de 21 de julho ultimo foi concedido ao sr. Basilio Castello Branco o aproveitamento dos salgados do Algarve. Applaudimos a sua iniciativa, como applaudimos todas as que tem um fim util, e estimaremos que os nossos ministros tenham muitas occasiões de prestar o seu auxilio a quem procura fazer um bom serviço. Nos Estados Unidos os melhores projectos nascem pela maior parte de quem não tem nada, mas forma-se logo a companhia que fornece os capitaes.

Colonia Maria Pia. Um grupo de rapazes, todos officiaes do exercito, vendo a indifferença do publico portuguez em acudir com os seus meios para as colonias civilisadoras d'Africa, teve o generoso pensamento de fundar em Mossamedes uma colonia. Prepararam tudo, e quando fizeram appêllo ao publico portuguez, não encontraram echo para uma emissão de noventa contos! se o governo lhe não acudisse, decretando a garantia da emissão.

Carolina Civili. Havia longos annos que esta actriz italiana viera para Hespanha, e alli se identificára de tal maneira com o paiz, que ella o considerava como seu. Representava em italiano e castelhano, como tivemos occasião de vêr no nosso theatro, onde ha annos se apresentou, e onde patenteou o seu merecimento. O castelhano na sua bocca, adoçado pela *glotte* italiana parecia mais ameno, e agradavel. Uma doença grave a levou á sepultura e como a sua fortuna era precaria, foi feito o seu sahimenso a expessas da *Associação dos Escriptores e Artistas de Hespanha*, que a acompanharam á sua ultima morada, depondo sobre a sua sepultura corôas e flôres.

Congo. O nosso antigo alliado e vassalo da corôa de Portugal, o rei do Congo, lavrou um protesto contra os contractos que alguns reis e chefes, seus dependentes, inconscientemente tem celebrado com Stanley, ou com a *Sociedade internacional africana*, para a cedencia dos seus territorios. Este importante e interessante documento foi mandado communicar aos referidos reis e a Stanley.

Ilha do Pico. No dia 7 de julho, diz a *Persuasão* de Ponta Delgada, inaugurou-se festivamente na villa das Lages uma escola do sexo masculino, creada a expensas dos filhos da localidade residentes no Brazil. Os mesmos cavalheiros tinham já creado outra escola para meninas, em cujo edificio despendeu o reverendo vigario da freguezia, que é um verdadeiro apostolo da instrucção, 506$000 réis. Bem haja quem longe da patria se não esquece d'ella, e a soccorre como a uma boa mãe, e bem haja o honrado parocho que sabe cumprir os preceitos do evangelho, dando um salutar exemplo aos seus collegas.

Fallecimento. Na Lagoa, villa da ilha de S. Miguel falleceu o sr. João do Rego Borges Este benemerito cidadão havia fundado na terra da sua naturalidade, com os bens que possuia, o *Instituto João do Rego Borges*, com o fim de esmolar mensalmente pessoas indigentes da localidade. Este bom cidadão deixa um exemplo digno de imitar-se, e o seu nome passará á posteridade inscripto no grande livro da caridade e insculpido no coração dos que recebem o beneficio.

Freio para jornalistas. Um deputado austriaco, o sr. Schœnerer apresentou no reichsrath um projecto de lei, cujo assumpto tem por fim punir com toda a severidade os jornalistas que publicarem noticias falsas conscientemente. Ai! se este principio fosse adoptado em Portugal!

Zaire. Segundo noticias do extrangeiro parece que Stanley, afim de se furtar á acção e vigilancia dos portuguezes, cujos direitos e dominio sobre o Congo ou Zaire são incontestaveis, tendo sido os primeiros a descobril-o, exploral-o, a civilisar as tribus que o habitavam, e a estabelecer relações commerciaes, religiosas e politicas com ellas, como é provado por documentos antigos e modernos, suscitou a idéa da creação de um *estado livre do Congo*, cujo reconhecimento, segundo se affirma, está já acceito por muitas potencias, não nos constando porém que tal idéa fosse communicada a Portugal, a primeira nação mais directamente interessada no assumpto, e a unica a quem de direito não póde deixar de ser participado tal facto. Outro periodico diz que Stanley veiu á Europa, para comprar os direitos da associação africana. Como pelo caminho direito nada póde obter, segue pelos caminhos travessos. O nosso

---

fessar ignorante. Dir-se-hia até que fazia gala em se mostrar menos instruido do que realmente era, tudo isto para fazer sobresahir os seus dotes naturaes, a sua grande sagacidade e esperteza, e o seu tacto e experiencia das coisas.

—Theorias tinha visto muitas, isso qualquer podia blazonar d'ellas, agora a pratica é que se queria ver e não era para todos.

E elle sem basofia tinha-a como poucos, como ninguem.

Lá na repartição é que se queria ver. Alli á carteira é que se ensinavam os doutores.

Mas enfim uma pessoa havia de ir com os mais.

A gente cá n'este mundo tem de ir com as turbas, não havia remedio senão andar com as modas e visto que era moda mandar os filhos de coeiros para a escola das primeiras lettras, e de *bibe* para Coimbra não havia remedio senão ir na onda e fazer o mesmo. Do contrario parecia mal, não era do tom nem coisa que se permittisse a um chefe de repartição da sua cathegoria e da sua importancia.

Levado por esta corrente de idéas que formavam a opinião do seu tempo, Gilberto passou a preocupar-se da instrucção dos filhos, a questão magna como lhe chamava, segundo a phrase do grande tribuno.

Não falava de outra coisa e tinha de ouvido certas phrases a proposito, que repetia sempre que a occasião o proporcionava.

«É um dinheiro que se não deve chorar aquelle que a gente gasta com a educação dos filhos.»

«O melhor patrimonio que um pae póde deixar a um filho é a instrucção »

«Nada mais bonito que o saber.»

«O que se dispende com a educacão dos filhos é um capital que se põe a juros e não se esgota por mais prodigalidades que uma pessoa pratique.»

D. Perpetua oppunha sempre esta objecção.

— E quando elles saem uns burros?

Gilberto até se arripiava todo.

— Ó mulher não diga blasphemias.

Na verdade nem era delicado, nem era conveniente, tratando-se dos proprios filhos admittir ou formular similhante hypothese.

D'ahi a ama dos meninos tambem lhe parecia muito mal feito o costume seguido agora de desmamar crianças no *a b c*.

Nem se desenvolviam os meninos, nem se faziam gente.

Por isso agora eram todos uns doentios e infezados, sem côres que se vissem, e a pelle sobre o osso, de sorte que pareciam a morte em pé ou mal comparados, assim a modos que uns gatitos esfollados.

A Joanna é que não mettia para ahi prego nem estopa.

Se a enfadavam muito estas pieguices da ama, dava então a sua opinião, e era que os pequenos estavam muito senhores da sua vontade e precisavam de sujeição.

Emfim Gilberto apóz alguns mezes de profundas e serias pesquizas, participou em familia á hora solemne da meza que «as coisas iam mudar d'alli para o futuro como o dia da noite.»

Isto dito assim sem mais explicações, foi como que uma charada para entretenimento da familia.

Puzeram-se a olhar todos para Gilberto a ver se a advinhavam, mas qual! A cara de Gilberto era um outro enigma figurado, não menos difficil de decifrar.

Elle limpava os beiços com o guardanapo, e palitava os dentes pacifica e pachorrentamente, mostrando-se satisfeito de ver que as suas palavras estavam longe da comprehensão do vulgo, e que toda aquella gente andava ás aranhas sem perceber o que elle queria dizer na sua.

Afinal desabrochou n'um sorriso os seus grossos beiços, mostrando a larga fila dos seus dentinhos de rato, e tirando da algibeira um objecto envolto em muitos papeis collocou-o sobre a mesa, com muita seriedade em ar de quem prepara grande surpresa.

Começaram logo todos a estender o pescoço e a trocarem segredinhos, e a sorrirem-se á socapa.

Os pequenos saltaram logo para cima das cadeiras, estendendo-se sobre a meza com as mangas dos bibes dentro dos pratos e nas travessas da comida, uma coisa como nunca se tinha visto, que obrigou D. Perpetua a formalizar-se, e a reprehendel-os com uma entonação aspera e sacudida.

— Então meninos accomodem-se, ponham-se com termos de gente.

Gilberto desenrolava o embrulho e caso unico dizia:

— Deixa-os... que elles já vão ver que sorte os espera, que petesquinho lhes trago aqui para a sobremeza, deixa-os...

E repetia a phrase enigmatica, a phrase que a todos dera no goto.

«As coisas vão mudar de hoje para o futuro como o dia da noite.»

— Olá se vão! E para o quê vejam...

N'isto arremeçava para longe de si o papel em que vinha embrulhado o objecto a que elle aludia, e mostrava-o agora, levantando-o em ares de triumpho e agitando-o de um para o outro lado, a toda a altura do seu braço musculoso e cabelludo.

(Continúa)

Leite Bastos.

governo deve porém estar vigilantissimo, e, a querer fazer alguma coisa a bem do paiz, deve mandar para a costa occidental de Africa, quantos na vios de guerra, de que possa dispôr, e sem se importar com este nem com aquelle, e sem fazer o minimo ruido, como inconvenientemente se fez com a expedição ao Muata-Yanvo, ir reorganisando, renovando e reforçando o nosso dominio, n'essa disputada parte de Africa, que sempre foi considerada uma das principaes joias da corôa de Portugal.

O CORONEL FLATTERS. Este distincto explorador, que em tempo se affirmou ter sido morto, com a missão que dirigia, pelos *tuaregs* tribu do sul de Tunis, segundo as revelações feitas agora por um spahi, conserva-se prisioneiro em Rhat, com outro official. O spahi, é natural de Busaádá, na Argelia, e foi feito prisioneiro e reduzido á escravidão por um chefe d'aquella tribu, o qual tendo encontrado no campo feridos o coronel, outro official e um atirador, os reclamou por estarem no seu territorio. O atirador morreu no caminho, mas os dois officiaes estão sãos e salvos, e o chefe espera obter um bom resgate. O spahi, que os conheceu e dá signaes muito verosimeis, fugiu dirigindo-se ao Burnu, d'ahi ao Darfur, e do Egypto á provincia de Constantina pela Tripolitana e Tunisia. A relação que elle faz parece um romance, mas tendo sido posto em segredo, e inquerido por differentes vezes não se tem contradito. Estimaremos que ella seja verdadeira.

O ESTABELECIMENTO D'OBOCK. Em tempo referimos que os francezes haviam tomado posse de Obock, no mar Vermelho, para constituirem alli uma estação. Effectivamente pelo transporte *Garonne*, partido a 16 de agosto ultimo de Brest vae ella receber uma parte das suas provisões e do seu armamento. O sr. Lagarde, filho do perfeito do Sena e Marne, vae ser o primeiro administrador da estação. Esta compor-se-ha de um forte, depositos de carvão, cisternas, armazens, afim de que os navios de guerra que se dirigem a Madagascar, ilha da Reunião e India-sinica encontrem alli tudo o preciso, tanto á ida, como á volta, evitando assim a custosa e pouco agradavel demora em Aden. Como todas as nações seguem as pizadas do grande Albuquerque!

POPULAÇÃO DE PARIS. A capital da França contava em 1700, quando foi feito o primeiro recenseamento da sua população, 720:000 habitantes. Em 1876 o recenseamento accusou 1.988:806 habitantes, dos quaes 980:838 do sexo masculino, e 1.007:968 do feminino. Segundo o recenseamento de 1881, publicado ultimamente, contavam-se n'ella 2.239:928 habitantes, sendo 1.113:326 do sexo masculino, e 1.126:602 do feminino. Tem pois augmentado desde 1876 em 251:122 habitantes, salva sempre a imperfeição das estatisticas.

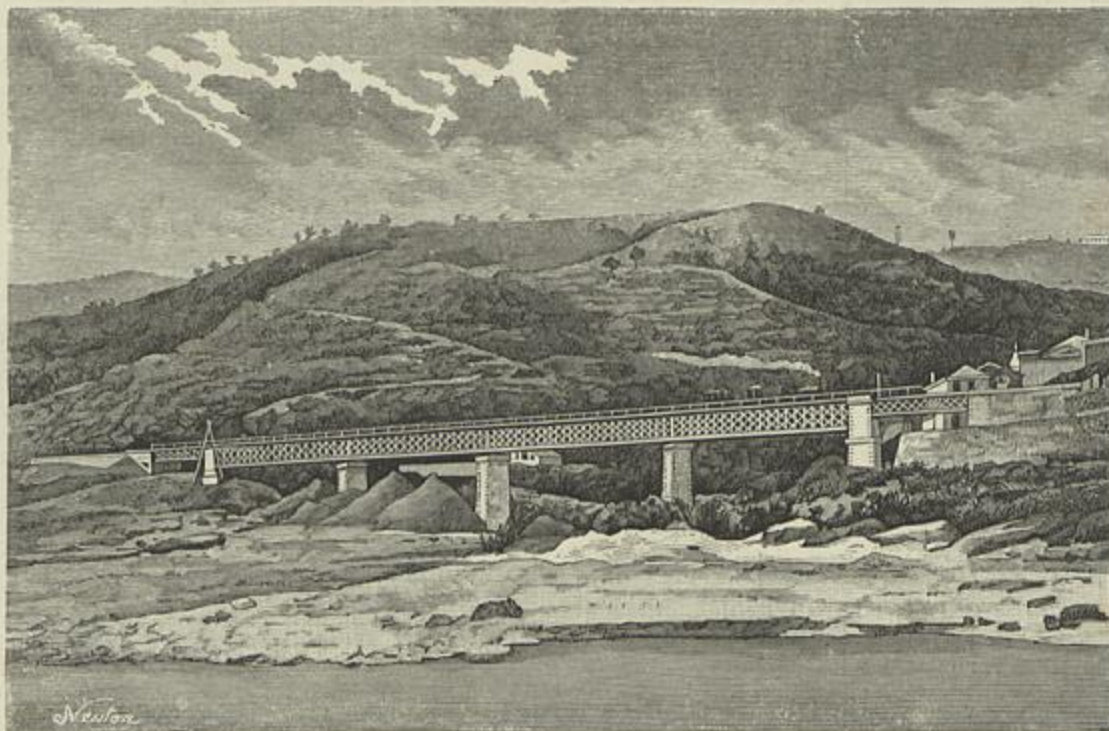
TUNNEL DA MANCHA. Segundo os estudos ultimamente feitos pelo engenheiro Eads, esta grande obra poderia fazer-se em tres a quatro annos. A natureza do terreno é favoravel ao perfuramento, a julgar pelos trabalhos já feitos. Quanto ao perigo para a Inglaterra de uma invasão pelo tunnel, é um caso irrisorio, não só porque seria facil destruil-o parcialmente, mas porque bastariam meia duzia de homens para defender a saída do inimigo.

PRINCEZA BEARTIZ. A sociedade musical de Londres, elegeu ha pouco, esta princeza, e distincta amadora, para sua presidente.

ARTHUR NAPOLEÃO. Este nosso grande artista, actualmente estabelecido no Rio de Janeiro, foi agraciado pelo rei de Hespanha, com a commenda de Izabel a Catholica. Quando as graças assentam em homens de tal merecimento é por demais applaudil-as, mas honram tambem a quem as confere.

O CHOLERA EM LONDRES. Não obstante continuar a affirmar-se que o estado sanitario da capital da Grã-Bretanha é bom, e até dizer um telegramma de 19, que tanto em Londres, como em Blackburn é excellente, esse mesmo telegramma diz que ha dias appareceram em Blackburn alguns casos de cholera *nostras*, mas não se repetiram. Ora parece-nos já demasiado cholera esporadico, e asseguram-nos que na sexta feira 15, se recebera noticia de que a epidemia de cholerina, que ha tempos alli grassa nas creanças, é effectivamente cholera-morbus-asiatico. Como não é ignorado o frio egoismo da Grã-Bretanha, que não se *peja de seguir a rota do cavilloso Pitt*, como diz Filintho Elysio, é bom estar vigilante, e ninguem deve poupar estes amigos da humanidade... ingleza.

LORD WELLINGTON. Falleceu em Londres repentinamente o general d'este nome, duque de Victoria, Marquez de Torres Vedras e filho do vencedor de Waterloo.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

PONTE VIADUCTO DA SERMENHA, NO CAMINHO DE FERRO DO DOURO

Vid. artigo "Caminho de Ferro do Douro" pag. 68 d'este vol.

medida que não tem sido rigorosamente observada depois. Verdade é que havia os enterramentos dentro das egrejas, o que era muito mais prejudicial.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, *quarto anno, undecima serie. David Corazzi, editor*. É o n.º 85 e comprehende a *hydrostatica*, parte da *mechanica*, que fórma o fasciculo n.º 66, e que é uma parte das sciencias physicas. Na introducção a este explica-se a concatenação dos diversos ramos da sciencia, que se comprehende debaixo da designação geral de *physica*, e como se tem desdobrado e explanado, formando as diversas partes, um repositorio de dados e principios que é util, importante e necessario conhecer.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, por E. Freire de Oliveira. Está publicado o fasciculo 29, onde se continua a materia dos antecedentes, terminando-se n'elle a extensa e interessante nota relativa á procissão do *Corpo de Deus;* acaba o fasciculo com a importante carta regia de 23 de julho de 1520, mandando estabelecer uma casa de saude para tratamento dos atacados da *pestenença*, e são curiosas e dignas de serem lidas, todas as mais providencias hygienicas, apontadas em nota, afim de se evitar a propagação e maiores effeitos da epidemia, não sendo a menos notavel, pela sua sensatez, a que manda collocar os cemiterios ou adros *em tal logar, que quando o norte passar por cima d'elles nom dé na cidade*,

LES MATINÉES ESPAGNOLES, *nouvelle revue internationale européenne*, par mr. le baron Stock. — N.º 1, 2.º semestre, 3.º volume, relativo a julho e agosto corrente. Comprehende este fasciculo os seguintes artigos: *La Hollande et les Orange*, por E. Castellar; *Le parlement espagnol*, por L. R.; *Courrier de l'exterieur*, por S.; *Le marechal Quesada, ministre de la guerre*, silhouette; *Lettre portugaise*, pela sr.ª de Rute, na qual esta senhora começa a descripção da sua ultima viagem a Portugal; *Lettre d'Egypte*, por Ortega Morejon; *Le liseur*, por Louisy; *Le 8.ème péché capital*, pela sr.ª de Rute; *L'orpheline*, por Julio Lourenço Pinto; *Les luttes de nos jours*, por Pi y Margall; *Bulletin de la finance*, por Colbert, e a continuação da traducção do *Primo Basilio* de Eça de Queiroz. Acompanha este fasciculo um retrato em gravura do marquez de Valmar, senador e membro da academia hespanhola.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA. — *Lisboa, Imprensa Nacional* 1883, 4.ª serie, n.os 6 e 7. Comprehendem estes fasciculos: *Viagem á serra do Gerez e suas Caldas*, em setembro de 1882, por Hermenegildo Capello e Leonardo Torres; *Timor*, cartas do major José dos Santos Vaquinhas; *Espolio de Balthazar Jorge*, juiz da Alfandega de Diu, por Gabriel Pereira; *Exploration de la mer arctique*, por Hovgaard; *Recordações do 5.º corpo do exercito francez*, por Celestino de Sousa; *Descoberta de Angola e Congo*; *A cultura da quina*, por Manuel Bordallo Pinheiro; extracto de actas e outras peças officiaes.

O CANCIONEIRO MUSICAL PORTUGUEZ, por G. R. Salvini. David Corazzi editor, Lisboa. E' a segunda edição que vae ser dada á estampa pelo incansavel editor, tendo sido a primeira edição feita no Porto em 1866. O *Cancioneiro musical portuguez* é o desmentido mais formal do grave erro em que se tem estado de que a lingua portugueza não se presta ao canto. As quarenta melodias de que se compõem acompanhando poesias dos principaes poetas portuguezes, provam exorberantemente o que o seu auctor diz no prologo: «que a lingua portugueza não é tão pobre de qualidades phonicas como *a priori* nol-o querem persuadir.» A vulgarisação, pois, do *Cancioneiro musical portuguez*, deve concorrer muito para desenvolver o gosto pela musica portugueza levando-a aos salões da nossa primeira sociedade.

MANUAL DE HISTORIA UNIVERSAL, por Z. Consiglieri Pedroso, etc. Guillard, Aillaud e C.ia, Paris. Chega-nos de Paris este vol. de cerca de 400 paginas e que o seu auctor dedica *A mocidade brazileira das escolas*. Para quem conhece os abalisados trabalhos do talentoso professor, escusado é encarecer a importancia e proficiencia d'este livro, que vem tomar o seu logar entre os livros da sciencia moderna. O livro do sr. Consiglieri Pedroso é baseado sobre as descobertas e investigações mais recentes, e a sua exposição é feita com clareza tal que o estudioso encontra n'elle meios muito praticos de se instruir.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIRIANA — LISBOA